

Lithographia Guedes, rua da Oliveira do Carmo, 12

PIF! PAF!...

GENERAL MACEDO

Luiz Augusto de Almeida Macedo, de profissão guerreiro, destemidamente nascido em Lisboa no anno de 1819, não é somente um dos nossos primeiros generaes, é tambem um dos nossos primeiros symbolos.

Elle representa — a guerra. E o seu aspecto é dos mais imponentes e dos mais temerosos entre todos os diversos aspectos que apresenta o Passeio Publico, ás tardes.

Quando elle perpassa entre as multidões inermes, da sua figura marcial e bellicosa disgrega-se no ether como que um perfume de polvora.

Os seus oculos lampejam a espaços como escorvas de mosquetes.

As rosetas das suas esporas, tilintando nas ruas, lembram o fragor metalico dos esquadrões que trotam.

As suas calças, apresilhadas e retezas, exprimem essa admiravel inflexibilidade provada nas fortes naturezas e nas boas casimiras pela suprema tensão da disciplina militar e das puchadeiras de couro.

O farto peito acolchoado da sua farda tem a amplidão gloriosa de quem uza sobre o torax, em pastas sobrepostas e sobrecosidas, as victorias de Alexandre, de Cezar, de Annibal, de Pompeu, de Turenne, de Frederico, de Bonaparte, — todas d'algodão.

A viseira do seu kepy, carregado a um lado, traz á lembrança um *abat-jour* discreto collocado pela modestia entre a orbita em que reluz o olho estrategico do batalhador e aquella parte do ceu d'onde dardeja os seus raios o sol d'Austerlitz e de Aljubarrota.

Quando elle apparece, as faces rubicundas dos burguezes amerellecem, assim como amarellecia a herva dos campos quando Attilla vinha. As mães tremulas aconchegam ao peito os seus tenros filhos. A mocidade inexperiente e fogosa, estremece e vibra de um generoso enthusiasmo ás portas do Suisso. Os bois, companheiros do homem nas mansas lides da agricultura, fogem aterrados e gemebundos com as respectivas charruas pela Bitesga fóra. O commercio retrae-se em suas transacções. As artes da paz immobilisam-se. Os animos avinagram-se. E finalmente o proprio vinagre se revolta, como ainda ha pouco vimos, pondo em crise os escabeches, as saladas e as patrulhas.

Tudo isso porque elle passa, pois que na cidade inteira, desde a Bica do Sapato até o Caneiro d'Alcantara, elle é — a guerra.

Em que é que se emprega sobre a superficie do orbe esse flagello terrivel porém indispensavel? Em que é que elle cogita? D'onde é que vem? Para onde é que vae?

Taes são os quesitos a que n'esta pagina tem de responder a historia da guerra, isto é a biographia do general. Esse imprescriptivel dever vamos cumpril-o.

Quereis saber d'onde elle vem? Elle vem de comer pêra doce com vinho do Porto e de beber chá preto com torradas no convivio administrativo e amigavel do chefe do districto, o affavel sr. conselheiro Arrobas.

Quereis saber para onde elle vae? Elle vae para os seus aposentos, no quartel do Carmo, deitar-se a dormir em sua cama, emquanto a mente escandecida em pensamentos de campanha se lhe revolve no plano de detalhar o 38 da 4.ª para o Boqueirão do Duro e o 25 da 1.ª para a Travessa do Poço.

Vem do pacato dever cumprido e vae para o merecido repouso assegurado pelas leis aos honrados servidores das instituições vigentes.

A nossa penna treme ao destruir assim uma interessante legenda, mas a verdade é essa. O terrivel personagem que Lisboa se habituou a considerar como a expressão mais destruidora que pode assumir a guerra, é simplesmente um bom e estimavel homem, que fez correctamente os seus estudos na Escola Polytechnica, que entrou na vida publica, que foi deputado como qualquer outro e que é conselheiro e commendador como toda a gente.

Na sua qualidade de commandante da guarda municipal elle tem mostrado temer a Deus e amar a ordem — um pouco de mais talvez!

Não o accusemos por isso. Em todas as sociedades o fanatismo da guerra augmenta tanto mais quanto o paiz é maior; o fanatismo da ordem augmenta tanto mais quanto o paiz é mais pequeno. Para se comprehender pois até que excessos póde ser levado pelas fatalidades geographicas um ordeiro portuguez cumpre-nos meditar na estreiteza do meio em que n'este jardim da Europa nos desenvolvemos, todos — boninas, homens d'estado, artistas, trabalhadores e guerreiros. Infelizmente para a seiva belicosa do nosso militarismo, o alegrete da guerra é então aquelle em que mais apertada e mais mesquinhamente se atormentam as nossas vegetações sociaes. Basta dizer-se que não ha campanha em que figurem mais de quatro homens e um cabo, e que a propria bisca das casernas, alma dos furores mavorcios, é apenas de trez. O respeito que estas condições infundem quebra os braços ao rigor da critica, e obriga-a a exclamar benevola:

— Paz á guerra! Paz á guerra!

João Ribaixo.

TYP., 21, R. AUGUSTA, 25